

Alunos paulistas preferem cursos de formação geral

por Fátima Laranjeira
de São Paulo

Apesar de a esmagadora maioria da população brasileira desejar cursos profissionalizantes, como constatado em recente pesquisa, os alunos de São Paulo buscam o ensino geral de segundo grau. Essa é a avaliação da Secretaria Estadual de Educação, que computa 82,8% de 1,250 milhão de alunos da rede cursando a formação geral. "Embora a clientela expresse um desejo de formação profissional, na prática prefere os cursos de formação geral", avalia Eleny Mitrulis, coordenadora de projetos de fortalecimento educacional da Secretaria de Estado da Educação. O órgão está reavaliando a formação profissionalizante, que deve passar por uma maior discussão em todo o meio educacional, já que o Ministério da Educação pretende alterar a estrutura dos cursos.

Segundo pesquisa divulgada na semana passada, no 4º Congresso de Qualidade em Educação, em Belo Horizonte, 90% dos entrevistados queriam que as escolas adotassem cursos profissionalizantes a partir da 5ª série. A pesquisa, no entanto, não avaliou especificamente o tipo de formação desejada.

Dos matriculados em cursos profissionalizantes no ensino estadual de São Paulo, que reúne 32% dos secundaristas do País, 10,5% fazem magistério, 4% estão em cursos ligados a serviços, como secretariado, contabilidade, administração e processamento de dados, e o restante em cursos da área secundária, como mecânica e metalurgia.

A Secretaria de Educação está reavaliando os cursos profissionalizantes ministrados por sua rede, que já foi reestruturada. No começo de 1994, passou 72 escolas com formação na área tecnológica para a administração direta do Centro Paula Souza, uma autarquia ligada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), mas

ainda tem 76.150 alunos em habilitações profissionais.

A idéia é que os cursos sejam reformulados: "A formação profissional deve ter uma maior aplicabilidade, preparando para uma família de ocupações e não para uma área apenas", ressalta Eleny. Entre as alternativas estudadas pelo estado, está o estabelecimento de parcerias com "agências mais vocacionadas", como Senai, Centro Paula Souza e Escola Técnica Federal. A intenção é encontrar caminhos intermediários para unir o ciclo básico do segundo grau à profissionalização: "Podemos, por exemplo, dar a formação geral na rede estadual e pagar cursos complementares que o aluno faria fora", afirma Eleny Mitrulis.

**Secretaria da
Educação está
reavaliando cursos
profissionalizantes
ministrados
pela sua rede**

Já a diretora do Departamento de Ensino da Escola Técnica Federal de São Paulo, Carmém Monteiro Fernandes, faz uma avaliação diferente da Secretaria da Educação. Para ela, a oferta de cursos profissionalizantes é muito restrita e, por isso, os alunos acabam optando por uma formação geral de melhor nível. Ela acredita que há uma grande distância entre as instituições de ensino e o mercado de trabalho, e que isso deveria ser melhor pesquisado.

Para estudar melhor o perfil dos seus cursos, a escola, que tem 4,5 mil alunos, está fazendo uma pesquisa com ex-alunos que se formaram nos últimos dez anos para saber onde eles efetivamente se empregaram e se o perfil dos cursos são adequados. A escola tem um dos concursos de admissão mais concorridos de São Paulo, com 18 mil candidatos para setecentas vagas, e oferece cursos regulares de mecânica,

edificação, eletrotécnica, eletrônica, telecomunicações e processamento.

O perfil dos cursos profissionalizantes, e sua adequação ao mercado de trabalho, sempre foi muito discutido por educadores. Agora, pode novamente passar por mudanças. O Ministério da Educação encaminhou recentemente à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 1.603, que, entre outras coisas, estabelece a desvinculação do ensino do segundo grau do profissionalizante, o que vem provocando polêmicas. Para Fábio Aidar, diretor regional do Senai-SP, a separação é positiva, já que o aluno poderá escolher qual dos cursos quer realmente fazer.

Maior instituição de ensino profissionalizante do País, o Senai ministra tanto cursos apenas profissionalizantes como os que também têm equivalência com o segundo grau. Treinou em 1995, só em São Paulo, um milhão de pessoas em cursos e treinamentos de qualificação e especialização. Para Aidar, os dados de acompanhamento dos alunos egressos pesquisados pela entidade demonstram uma elevada taxa de empregados na área até três anos após a diplomação e a adequação dos cursos ao mercado de trabalho: nos cursos de habilitação profissional (com equivalência de segundo grau), os empregados são 76,2%; nos de qualificação profissional (não equivalente ao segundo grau), os empregados chegam a 92,5%; e na aprendizagem industrial são 67,6%.

Almério Melquíades de Araújo, responsável pelo grupo de atividades técnico-culturais da Coordenadoria de Ensino Técnico do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, não concorda com a separação da formação propedêutica da profissional pretendida pelo ministério: "Vai jogar fora toda uma experiência, para avaliar uma outra possibilidade, que não sabemos se dará certo", afirma.